

PRÁTICA E DESAFIOS DA GESTÃO FINANCEIRA NO SETOR SUPERMERCADISTA

Jean Gleyson Farias Martins - prof.jeanmartins@gmail.com
Rodrigo Jose Guerra Leone - rodrigo.leone@gestorfp.com.br
Hilderline Câmara Oliveira - hilderlinec@hotmail.com
Janduir Oliveira Nobrega - janduirnobrega@gmail.com
Jizabely Araujo Atanasio - jizabely@gmail.com

* Submissão em: 06/11/2018 | Aceito em: 21/05/2019

RESUMO

O setor privado dentre seus vários princípios, indica como fundamental a maximização dos seus recursos, seja, material, financeiro ou de pessoas. É imperioso o desenvolvimento e a gestão de seus processos operacionais de forma a propiciar a maximização dos resultados. Este estudo tem por escopo descrever as práticas e os fatores críticos da gestão financeira nas empresas do setor supermercadista no Estado do Rio Grande do Norte. O estudo é descritivo exploratório com abordagem quantitativa. Os resultados do estudo apontam a aplicação de práticas e ferramentas de gestão e controle financeiro nas unidades de negócios, tanto nas classificadas como micro, quanto para as de maior porte. Ademais, as empresas demonstram conhecimentos relacionados a custos de produtos, ganhos de escala, margem de contribuição e dos gargalos financeiros. Apresentam bom relacionamento com mercado financeiro e bom conhecimento da clientela.

Palavras-chaves: Gestão financeira. Setor supermercadista. Empresas.

PRACTICE AND CHALLENGES OF FINANCIAL MANAGEMENT IN THE SUPERMARKET SECTOR

ABSTRACT

The private sector, among its various principles, indicates how fundamental the maximization of its resources is, be it material, financial or people. The development and management of its operational processes is imperative in order to maximize results. This study aims to describe the practices and critical factors of financial management in companies in the supermarket sector in the State of Rio Grande do Norte. The study is descriptive exploratory with quantitative approach. The results of the study point to the application of financial management and control tools and practices in the business units, both in the classified and micro, as well as in the larger ones. In addition, companies demonstrate knowledge related to product costs, scale gains, contribution margin and financial bottlenecks. They have a good relationship with the financial market and a good knowledge of the clientele.

Keywords: Financial management. Supermarket sector. Companies.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente a conjuntura social e econômica, em que os mercados são cada vez mais competitivos, as organizações buscam a melhor forma de gerir as finanças no intuito de garantir a sobrevivência no mercado e a maximização da riqueza. Por isso, a gestão financeira vem a contribuir com este propósito propiciando mecanismos que possibilitem adequada gestão dos recursos financeiros. Em uma organização a função de gerenciar as finanças deve ser delegada a profissionais capacitados e provido de ferramentas que possibilitem tomar decisões eficiente e eficazes.

A globalização como processo econômico e social voltada a estabelecer a integração comercial entre os países, bem como a de seus habitantes em abrangência mundial alterou a conjuntura econômica, tornando o mercado competitivo entre as organizações. Esta nova dinâmica implementada nas relações de mercado indicou a necessidade de as empresas buscarem encontrar instrumentos e ferramentas gerenciais capazes de lhes assegurar suas operações, de modo a fortalecer as estruturas organizacionais no enfrentamento do crescimento da competitividade e da concorrência, tornando necessária a busca contínua de informações relevantes para nortear as empresas no processo de tomada de decisão.

A forma eficiente de lidar com os instrumentos e as técnicas de gestão financeira pelas empresas possibilita conhecer mais e melhor a direção a ser seguida tornando possível analisar o patrimônio da empresa, controlar seus estoques, emitir relatórios gerenciais, gerenciar o fluxo de caixa, conhecer o poder de pagamento, saber o quanto está custando seu produto, identificar onde estão seus gargalos financeiros e planejar com mais eficiência suas finanças, além de fortalecer a tomada de decisão ao processo de gestão no ambiente empresarial (CAMPOS E CANAVEZES, 2007).

As práticas de gestão financeira adotadas nas empresas são um elemento de grande utilidade na melhoria constante do desempenho empresarial, contribuindo com maior eficiência nas transações desenvolvida na empresa, tais como: as transações de compra e venda de mercadorias; a eficiência administrativa e a situação econômico-financeira.

Diante desse contexto, o presente artigo tem como questão problema: quais as práticas e os fatores críticos da gestão financeira nas empresas do setor supermercadista no Estado do Rio Grande do Norte? Dessa forma, visando responder à questão de pesquisa o escopo geral deste estudo é descrever as práticas e os fatores críticos da gestão financeira nas empresas do setor supermercadista no Estado do Rio Grande do Norte.

Desse modo, dentre os principais motivos de mortalidade das MPE's nos primeiros anos de existência estão: a escassez de políticas públicas com vistas a viabilização e consolidação de novos negócios; a escassez de recursos financeiros e de financiamento; a crescente carga tributária; e a morosidade premente da burocracia na abertura e legalização do empreendimento (MAXIMIANO, 2006).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 GESTÃO FINANCEIRA DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

Uma boa gestão financeira é provavelmente a obtenção de sucesso e ou de fracasso nos negócios se entrelacem fundamentalmente pela forma como a empresa conduz suas finanças. Assim, a compreensão e a interpretação dos princípios e dos fundamentos da administração financeira passam a ser tema de vital relevância a gestão empresarial.

Em seu trabalho, Azevedo (2010) afirma que a contínua movimentação e a magnitude do setor financeiro de uma empresa necessitam serem administrados através de formas e critérios profissionais. Afirma ainda que o sucesso de uma organização está diretamente relacionado ao nível de qualificação de seus gestores financeiros, haja vista, ser este fator fundamental para o desenvolvimento das companhias. Já no entendimento de Hoji (2003), as funções básicas da gestão financeira de uma empresa estão contidas na tomada de decisões de investimento, nas decisões de financiamento, na análise do planejamento e no controle financeiro.

O estudo realizado por Kassai (1997) apontou que os pequenos empresários começam a trabalhar cedo e são provenientes de famílias de baixa renda. Apontou também que esses empresários são conhecedores de técnicas relacionados ao negócio, mas apresentam uma dimensão menor em relação às ferramentas de gestão ou administração. Quando o assunto é a taxa de mortalidade das empresas, o estudo realizado pelo Sebrae (2007) aponta que das empresas com até dois anos de constituição, 50,6% permanecem em atividade, para empresas com até três anos em funcionamento este número é de 56,4% e para as empresas com até quatro anos de funcionamento e 59,9%. No mesmo trabalho foram apontados os principais motivos que levaram ao encerramento das atividades destas empresas, restando comprovado serem os fatores financeiros os principais dentre eles, a ausência de capital de giro em primeiro lugar (42%) os problemas de ordem financeiros, em segundo lugar a ausência de clientes em segundo lugar (25%) e em terceiro lugar (21%), e Também foram citados fatores como dificuldade de acesso ao crédito bancário,

desconhecimento gerenciais, carga tributária elevada, mão-de-obra desqualificada e instalações inadequadas.

Entretanto, a sobrevivência e o crescimento dessas empresas são consequências de um planejamento financeiro que envolve um eficiente orçamento, controle das receitas e despesas e que seja suficiente para a projeção de um fluxo de caixa e conseqüentemente um melhor controle dos recursos financeiros, garantindo assim a viabilidade e a permanência da empresa no mercado.

A gestão de um capital de giro correta, principalmente dos recursos de curto prazo tem sido uma das formas encontradas pelas organizações para conseguir alcançar o sucesso nos negócios. De forma geral, (HENDRIKSEN, 1992) afirma que o capital de giro é definido como sendo os recursos necessários para o auxílio as operações diárias da empresa em contrapartida aos recursos destinados ao longo prazo.

No entanto, Di Agustini (1999), afirma que a característica principal do capital de giro, consiste na capacidade rápida de transformação, no qual um elemento do ativo circulante é transformado em outra forma de ativo, o que é corroborado por Santos (2001), quando define capital de giro como elementos materiais de rápida renovação, representado pelo ativo circulante, constituído primordialmente pelas disponibilidades financeiras, os estoques e o contas a receber, denominado também como capital de giro bruto, na medida em que o capital circulante líquido ou capital de giro líquido (CCL) consiste na diferença entre os ativos circulantes e os passivos circulantes (GITMAN, 2002; SOLOMON; PRINGLE, 1981; ASSAF NETO; SILVA, 2002; GROPELLI; NIKBAKHT, 2002; BRIGHAM; HOUSTON, 1999; SANTOS, 2001).

Já para os autores, Fleuriet, Kehdy e Blanc (2003), não existe harmonia entre o conceito que define o capital de giro, entretanto, destacam existir observações que são pertinentes para o esclarecimento deste conceito. A primeira observação afirma que o capital de giro consiste na igualdade no valor do capital circulante líquido (CCL), oriundo da diferença entre o ativo circulante (AC) e o passivo circulante (PC), e que só o cálculo é obtido de outra forma.

O capital de giro variável e ou sazonal, como também é conhecido, diz respeito aos recursos direcionados a cobrir os eventos não rotineiros, dentre eles, as compras antecipadas de estoques, a inadimplência de clientes e o aumento do volume de vendas em determinados períodos do ano (GITMAN, 2002; ASSAF NETO; SILVA, 2002; GROPELLI; NIKBAKHT, 2002). Assim o montante de capital de giro da organização é determinado através de diversos fatores representados pelo montante de vendas, da movimentação de estoques, dos recursos a receber e do caixa, da

sazonalidade dos mercados, da tecnologia, dos fatores da economia e das condições de vendas e de crédito (ASSAF NETO; SILVA, 2009; VIEIRA, 2005).

Em sua contribuição Vieira (2005), afirma ser a gestão do capital de giro a área de estudo que aborda a gestão dos ativos e dos passivos que integra o grupo circulante do balanço patrimonial (BP), onde o desenvolvimento das operações ocorre em espaço de tempo de no máximo um ano. Por sua vez, Matias (2007), é enfático quando afirma que a gestão do capital de giro apresenta como propósito identificar o padrão dos ciclos de caixa da organização, bem como, o gerenciamento dos seus elementos de forma que se enquadre em nível adequado.

O tema análise do crédito, para Gitman (2002) argumenta que provavelmente o grau de ineficiência demonstrado pela utilização do recurso pessoal bem como os de ordem financeira deixem de apresentar as informações relevantes ao processo de tomada de decisão do crédito, consistindo assim em grande dificuldade ao desenvolvimento das empresas de menor porte. De forma geral, o crédito é definido como uma operação espontânea e temporal realizada entre credor e tomador através de recurso oriundo do patrimônio do credor em favor de outrem, onde, vencido o prazo acordado, o credor e ou cedente espera receber integralmente o crédito contratado (SCHRICKEL, 2000).

No entendimento de (SILVA, 2002; BACEN, 2013; MARQUES, 2002), há diversas opções de produtos de crédito disponíveis em bancos e instituições financeiras utilizados de forma contínua, quer seja pelas empresas, quer seja pelas pessoas físicas, com destaque para, cheque especial, aquisição de bens, crédito pessoal, conta garantida, desconto de duplicatas e financiamento de capital de giro dentre outros, propiciando o atendimento das necessidades imediatas em operações de curto prazo.

Para Silva (2002) o papel relevante das políticas de créditos nas economias modernas propicia o desenvolvimento dos mercados e o crescimento do crédito como alavancagem empresarial onde, uma vez geridos na forma correta poderão propiciar o aumento dos níveis de vendas bem como a diminuição dos riscos dos recebimentos a prazo. No entanto, devido as diversas variáveis envolvidas no processo de concessão de crédito nem sempre sua aplicação é facilitada e uma vez que a erradicação do risco crédito é mínima, Fonseca (2008) enfatiza que as organizações deverão projetar e estimar prêmios ao risco assumido, levando em conta que esta projeção será melhor utilizada ao se alcançar o maior quantitativo de informações de clientes.

Em se tratando da análise de custos os autores (EIDT, 2006; HANSEN; MOWEN, 2001), a análise de custos é a ferramenta gerencial que envolve a contabilidade de custos assim como a

contabilidade gerencial, permeando os sistemas de informação de ambas. Na ótica de Eidt (2006) os custos permeiam todas as atividades econômicas, quer seja em maior ou quer seja em menor escala, com reflexos significativos no seguimento industrial quando comparado com o seguimento mercantil. Este processo ocorre em virtude da necessidade de se estabelecer parâmetros ou indicadores relativos às quantidades de consumo e ao volume de produção.

Dessa forma, a organização poderá se manter competitiva e atuante no mercado globalizado e intensamente competitivo. Neste sentido, Nakagawa (2001), afirma que a ineficiência dos sistemas tradicionais em atender as demandas de gestão e controle na atualidade, propiciou o surgimento da GEC com o intuito de suprir as lacunas abertas pelo sistema tradicional de custeio. O autor ainda afirma ser este um sistema fundamentado em dois pilares, a erradicação do desperdício e o aperfeiçoamento contínuo. Corroborando neste entendimento, Perez Júnior (2002) enfatiza que o alcance do sucesso desejado pelas organizações poderá acontecer com a adoção da filosofia da excelência empresarial, processo em que a organização necessita atender completamente seus clientes.

A administração financeira apresenta como principal objetivo a maximização do lucro, e não os resultados contábeis como lucro líquido. Neste sentido e em conformidade com Morozini (2005), as demonstrações financeiras apresentam como principal objetivo a disponibilidade de informações às pessoas com interesse do resultado e ou do patrimônio da empresa, sendo a análise dessas informações a forma de se conhecer a situação econômico-financeira. Entretanto, os resultados contábeis influenciam os lucros. Assim, para que se entenda o desempenho de uma organização e a previsão de aonde esse desempenho a fará chegar, será necessário avaliar as demonstrações financeiras (BRIGHAM; EHRHARDT, 2007).

No entendimento dos autores, Iudícibus, Martins e Gelbcke, (2003) as demonstrações contábeis devem possibilitar a análise e a compreensão adequada da situação financeira e patrimonial da empresa, evidenciando os atos da gestão. Na percepção de Kroetz (2000), o balanço patrimonial apresenta de forma sintetizada, a riqueza da empresa, assim, sua utilização instrumento de análises e controles possibilita a demonstração do comportamento e das tendências do patrimônio da organização.

No tocante as demonstrações de resultado do exercício (DRE) os autores (ASSAF NETO, 2010; SOUZA, 2004; MOROZINI, 2005), afirmam ser uma ferramenta que apresenta de forma resumida a movimentação da empresa realizada em determinado tempo, demonstrando a receita, os custos e as despesas, onde a diferença resulta de prejuízo e ou lucro.

No que diz respeito às demonstrações do fluxo de caixa (DFC), Gitman, (2004), afirma que a ferramenta demonstra a movimentação financeira de entrada e saída de caixa da companhia em determinado exercício, evidenciando a aplicação dos recursos com intuito de aferir o alcance das metas planejadas ou mesmo o de evidenciar falhas na gestão da organização.

No entendimento de Iudícibus, Martins e Gelbcke (2003), as (DFC) apresentam como objetivo principal informar sobre os pagamentos e os recebimentos em espécie da organização para determinado período. Corroborando com os autores, Zdanowick (2000) reafirma a relevância do tema e faz um comparativo entre a (DRE) e a (DFC). Na concepção do autor, utilizar em conjunto esses dois demonstrativos contábeis propicia aos gestores maior segurança na administração das finanças, sendo que, a (DFC) reflete a situação financeira real da organização, apresentando um olhar mais abrangente da disponibilidade de recursos, enquanto a (DRE) disponibiliza a situação econômica da companhia.

A competitividade do mercado exige das empresas maior solidez e organização na utilização de informações que possam garantir a elaboração de planos, objetivos e metas alcançáveis e eficazes à gestão da atividade empresarial.

De acordo com Gitman (2001), o planejamento financeiro e o orçamento coordenam as diversas áreas da empresa se apresentando como mecanismo de controle das atividades comparando-os com o padrão de desempenho, assim evidencia a trajetória para que a companhia possa atingir suas metas e objetivos. No entendimento de Garrison e Noreen (2001), a organização de um sistema orçamentário satisfatório quando estiver acompanhado de planejamento e controle, eles enfatizam ainda que a organização pode até conseguir determinado sucesso sem se utilizar de orçamentos, entretanto, dificilmente alcançará os níveis de sucesso que poderia obter sem um sistema coordenado de orçamentos.

Assim, os autores Figueiredo e Caggiano (2004) afirmam que o processo orçamentário orienta e direciona quais os caminhos a serem executados pelos gestores, geralmente, no exercício de um ano com o intuito de se alcançar os objetivos propostos pela empresa.

3 METODOLOGIA

A tipologia da presente pesquisa é do tipo descritiva, haja vista que são realizadas observações, registros e análises de fatos e fenômenos (variáveis) sem manipulá-los, expondo características da população amostral. Utilizou-se o método survey ou de levantamento, voltado a coleta de informações, em que, de acordo com Gil (2002, p. 50) “as pesquisas desse tipo caracterizam-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer”.

Classifica-se também como documental. Foi efetuada a investigação empírica junto as empresas supermercadistas do Estado do Rio Grande do Norte. Quanto à abordagem de análise da pesquisa, foi adotada a pesquisa quantitativa, utilizando-se do uso de técnicas estatísticas. O universo, constitui-se das empresas do ramo de supermercados, no Estado do Rio Grande do Norte. Cujos quantitativos de empresas desse setor na região, segundo dados fornecidos pela Associação de Supermercados do Estado do Rio Grande do Norte – ASSURN apontam para a existência de 175 empresas filiadas de diversos portes. Para o cálculo da amostra foi usado o método de Barbeta (2006) efetuado da seguinte forma:

$$n_0 = \frac{1}{E_0^2} \quad (1)$$

$$n = \frac{N \cdot n_0}{N + n_0} \quad (2)$$

- E_0 é o erro amostral tolerável
- N é o número de elementos da população
- n é o tamanho da amostra
- n_0 é a primeira aproximação do tamanho da amostra

$E_0=6\%$

$n_0=244$

$N=175$

$n=102$ questionários

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de questionário estruturado, com a utilização da escala Likert de dez pontos, em um roteiro elaborado previamente, com perguntas fechadas, aplicado aos responsáveis pela gestão financeira das empresas estudadas. O questionário foi elaborado baseado no instrumento testado e validado em estudos realizados por Azevedo (2010) e Rodrigues (2013) e ajustado pelo autor com acréscimo de algumas perguntas que atendessem aos objetivos propostos por este projeto.

Os dados são coletados em visitas realizadas à sede da ASSURN- Associação de supermercados do Rio Grande do Norte, quando da devolução do instrumento de pesquisa pela empresa respondente. Os dados coletados pela pesquisa foram tabulados em planilhas eletrônicas, objetivando agrupar as respostas a partir de cada dimensão.

Utilizou-se basicamente a estatística descritiva para o tratamento dos dados, com a distribuição de frequências, medidas de posição ou de tendência central (média, moda, mediana) e medida de dispersão (desvio padrão).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 DIMENSÃO 2: ORGANIZAÇÃO E CONTROLE

Na dimensão “Organização e controle” são tratados os resultados ao questionamento realizado aos respondentes nos itens, controle do patrimônio imobilizado, controle de estoque, fluxograma de procedimentos.

Assim, ao ser perguntado se a empresa detém o controle do patrimônio imobilizado, os dados do estudo apontaram que 69% dos respondentes confirmaram este questionamento os dados indicam que de fato existe um acompanhamento próximo do patrimônio imobilizado.

Para Lima e Imoniana (2008), onde os indicadores apontaram que a variável gestão do ativo permanente, embora não se configurasse entre as ferramentas de controle mais apontada no estudo, porém, apresentou uma média de 7,13 e em relação ao desvio padrão atingiu 2,45 para uma escala Likert de 1 a 10.

Quando perguntado a respeito da variável, controle de estoques, os dados apresentaram resultado semelhante a variável anterior. Desse modo, 72% responderam concordar com a afirmação apontando assim uma possível inquietação das organizações em relação com seus níveis de estoques.

Neste estudo, os dados apresentam resultados distintos dos apontados na pesquisa de Lima e Imoniana (2008) onde apenas 24,53 % de seus respondentes afirmaram fazer o controle e acompanhamento de estoque de suas empresas. Nesta dinâmica o estudo realizado por Silva (2010) apontou que dos itens pesquisados como ferramenta de controle de gestão nas empresas, a variável controle de estoques apresentou a menor citação com (47,62%).

As variáveis dos fluxogramas de procedimentos financeiros e relatórios periódicos com informações financeiras os dados indicam que algumas respostas se assemelham, quanto ao grau de discordância e concordância com distribuição menos concentrada, mas bem próximos. Neste contexto, a variável fluxograma de procedimentos apresentou como resultado que 65% se concentraram no intervalo de 6 a 10 da escala Likert.

No entanto, a análise demonstra que quando o tema é controle da organização, contudo, os dados apresentados mostram um acentuado grau de discordância e possível despreparo das MPE's para esta variável.

Questionado a respeito da existência de relatórios periódicos com as informações financeiras visando auxiliar o processo de tomada de decisão, os dados revelaram que 70% inseridos no intervalo de 6 a 10 concordaram totalmente com a afirmação.

Na pesquisa, uma contribuição ao estudo das informações contábeis geradas pelas micro e pequenas empresas localizadas na cidade de Toritama no Agreste Pernambucano realizado por Lucena (2004, p.74) os dados demonstram que a não utilização de relatórios contábeis aliados à ineficiência de sistemas gerenciais dificulta o gerenciamento de controle dos negócios contribuindo dentre outros para tomada de decisão equivocadas nas organizações utilizadas na pesquisa.

4.2 DIMENSÃO 3: ANÁLISE DE CAPITAL DE GIRO

Esta dimensão analisa o comportamento das empresas e seus respondente quanto aos hábitos realizados na condução do fluxo de caixa em seus movimentos diários. Dessa forma, questionou-se a respeito das contas a pagar, do contas a receber, do prazo médio de pagamento e do prazo médio de recebimentos.

Para as variáveis relacionados ao fluxo de caixa, se buscou averiguar o nível de conhecimento, aplicabilidade e comportamento por gestores e ou empresários ao tema vencimento das contas a pagar e das contas a receber. Assim os dados demonstram que a maioria dos respondentes concorda totalmente com as mesmas e que ambas apresentam grau de concordância de 93%.

Ademais, outras pesquisas que versam sobre o tema capital de giro indicam a utilização dessas ferramentas básicas de controle pelas MPE's. Na pesquisa: Um estudo sobre a importância do uso das ferramentas de controle gerencial nas, micro, pequenas e médias empresas industriais no município de São Caetano do Sul, realizado por Lima e Imoniana (2008) os dados apontaram que

quase a totalidade dos respondentes, ou seja, 90,91% gerenciavam e controlavam o vencimento das contas a receber e o contas a pagar.

Na sequência as variáveis que trata dos resultados estratificados para o prazo médios de pagamento e o prazo médio de recebimento de contas, que segue a mesma tendência apresentada nas variáveis relacionadas ao fluxo de caixa desta dimensão. Os dados extraídos do estudo indicam que grande parte dos respondentes 66% concorda com a afirmação. Comportamento semelhante para a variável prazo médio de recebimento que embora tenha apresentado uma ascendência menor indica que 71% dos respondentes concordam.

Na pesquisa realizada por Lima e Imoniana (2008) citada anteriormente, os dados apontaram que 80% dos entrevistados realizam o exercício do controle e acompanhamento dos relatórios de prazo médio de pagamento e prazo médio de recebimentos. Comportamento semelhante observado no estudo de Maia *et. al* (2009) que aponta também a concordância 98,46% no gerenciamento do contas a pagar e no contas a receber.

4.3 DIMENSÃO 4: ANÁLISE DE CRÉDITO

Esta dimensão apresenta como objetivo básico compreender o desenvolvimento da política creditícia da organização, quais as informações são solicitadas ao cliente na concessão do crédito, de que forma a empresa cultiva seu relacionamento no sistema financeiro e se tem conhecimento do seu poder de pagamento. Nesta dimensão são apresentadas nove variáveis. Os dados da pesquisa para a variável, poder de pagamento das empresas, apontam magnitude de concordância da ordem de 91%. Na pesquisa, as práticas de gestão financeira em micro e pequenas empresas: um estudo descritivo em indústrias de castanha de caju do estado do Rio Grande do Norte, desenvolvido por Azevedo (2010) os dados apontaram que 78,5% dos respondentes neste estudo afirmaram conhecer o poder de pagamento da empresa, se assemelhando nesta variável ao estudo ora realizado.

No tocante, a variável relacionamento empresarial e o seguimento bancário, os dados deste estudo indicam que a maioria absoluta dos respondentes, ou seja, 90% afirmaram existir excelente relação entre eles.

Contudo, o estudo realizado por Azevedo (2010), já citado, apresentou resultados totalmente contrários para esta variável uma vez que 71,43% dos respondentes afirmam de forma clara que suas empresas não se relacionam bem com os correspondentes bancários aos quais eram

correntistas. Possivelmente em decorrência ao público alvo da pesquisa, não sendo possível afirmar que seja uma tendência do seguimento, diversos outros estudos não relatam esta afirmação.

A dimensão análise de crédito em suas variáveis concessão de crédito, proteção ao crédito, relações comerciais, históricos do cliente, programas computacionais, renda do cliente e informações pessoais do cliente, analisará os métodos aplicados pelas empresas no desenvolvimento das políticas creditícias direcionado a seus clientes. Os resultados apontam que uma maioria 47% dos respondentes afirmam fazer uso de análise subjetiva ao conceder crédito, principalmente com base no feeling e na confiança na clientela. No entanto, os dados apontam um grupo considerável de 31% de respondentes que afirmam discordar totalmente da afirmação de que faziam uso de método ou outro critério ao conceder crédito. Os dados indicam que mesmo com a crescente oferta de ferramentas gerenciais ainda é possível visualizar atividades empresariais atuando com altos índices de riscos.

A pesquisa realizada por Sousa Filho (2005) ratifica estes dados já que indicam um universo de 46% de respondentes discordante. Enquanto, que as outras 54% de empresas apontam a aplicação de outros métodos e técnica para este objetivo. Desta forma, o caminho ideal, possivelmente estar na integração do julgamento humano em sintonia com critérios e métodos de maior eficiência e de menor risco à concessão do crédito.

4.4 DIMENSÃO 5: ANÁLISE DE CUSTO E FORMAÇÃO DE PREÇO

Nesta dimensão, tratou-se os resultados obtidos para as variáveis onde se verificará o conhecimento das empresas respondentes em relação aos custos de seus produtos, bem como, a forma utilizada na formação do preço de vendas.

Os dados indicam semelhança no grau de concordância. Dessa forma uma maioria substancial de 83%, afirmam concordar totalmente com a variável custo de aquisição de produtos enquanto que 84% afirmam concordar com a variável custo de produtos. Neste contexto, de qualquer ângulo que se observe torna difícil ou pouco provável se afirmar que os empreendimentos respondentes foram ou estão avaliados de forma ineficiente talvez seja prudente um aprofundamento das análises dos custos reais no seu processo de produção.

Na literatura, verifica-se uma evolução consistente dessas variáveis, assim no estudo desenvolvido por Cominetti (2003) os dados demonstraram ser muito vago a existência desse conhecimento pelo setor pesquisado. Na sequência, no estudo desenvolvido por Lucena (2004) os

dados já demonstraram um percentual representativo da ordem de 52,38% de empreendimentos afirmando deter o controle dos custos. Ainda nesta dinâmica, a pesquisa desenvolvida por Azevedo (2010) apontou que metade dos empreendimentos pesquisados indicaram conhecer de forma parcial os custos de seus produtos e que 28,57% afirmaram desconhecimento total ou parcial.

Na sequência, serão tratados os temas correspondentes as variáveis que aborda os modelos e os métodos utilizados na precificação dos produtos introduzidos nas empresas respondentes. Neste sentido, os dados do estudo indicam que 71% dos respondentes afirmam considerar os custos diretos e indiretos na composição do preço de vendas do produto.

No tocante as variáveis concorrência e formação de preço os dados do estudo apontam existir certa acomodação das empresas respondentes que embora positiva com 68% apresenta véis de equilíbrio. Quando o tema é mark-up os dados do estudo também indica possível equilíbrio da variável pelo os respondentes que aponta um grau de concordância da ordem de 81%.

Assim, por meio dos dados é possível afirmar ser um processo rotineiro dos empreendimentos pesquisado se valer do conhecimento das práticas da concorrência e do uso do mark-up na operacionalização da formatação dos preços de vendas de produtos, podendo o empreendimento usá-los de forma individual e ou conjuntamente. Corroborando este entendimento, no estudo desenvolvido por Cominetti (2003), os dados apontam existir forte utilização pelos empreendimentos pesquisados ao formato de precificação questionados na dimensão 5 deste estudo.

4.5 DIMENSÃO 6: PLANEJAMENTO ORÇAMENTO E CONTROLE

O planejamento financeiro, previsão de orçamentária e controle de ajustes de resultados. Os resultados obtidos pelo estudo indicam que no geral, os índices variam basicamente nos mesmos níveis de grau de concordância, ou seja, a variável que questiona a elaboração de planejamento financeiro minucioso aponta que 50% dos respondentes apontam a relevância desta peça no desenvolvimento da atividade.

Quando indagado a respeito da variável que trata da definição do orçamento em todas as etapas e itens do planejamento, os dados obtidos pelo estudo indicam que 43% dos respondentes concordam totalmente e conhecem sua relevância.

Quando questionado a respeito da variável que trata do monitoramento do planejamento financeiro, os dados obtidos indicam que 63% dos respondentes concordam totalmente com a afirmação. Ao ser questionado a respeito da variável que trata do comparativo de projeções do

planejamento financeiro em detrimento da obtenção de resultados, os indicativos apontam um grau de concordância total da ordem de 61% dos respondentes.

Os dados obtidos nesta dimensão divergem ou contradiz algumas literaturas relativas às MPE's. Assim, no estudo de Cominetti (2003) os dados indicam a inexistência total do planejamento financeiro, o que em sua ótica, reflete a situação real de grande parte das MPE's, dificultando o alcance dos indicadores de resultados.

A pesquisa de Ercolin (2007) que aponta os indicadores de mortalidade das MPE's em São Paulo indica que dentre os indicadores de mortalidades os mais letais são a falta de utilização de planejamento e controle financeiro seguido de ausência de peça orçamentária e acompanhamento.

4.6 DIMENSÃO 7: AVALIAÇÃO DE INVESTIMENTO E FINANCIAMENTOS

Esta dimensão abordará o comportamento e possíveis hábitos aplicados nos empreendimentos respondentes diante da perspectiva das variáveis concernentes a análise e a condução dos investimentos, das fontes de investimentos e da avaliação de projetos voltados ao melhor desempenho da atividade empresarial.

A crescente melhoria e a modernização dos modelos de gestão vivenciados na última década apontam maior integração do conhecimento e das boas práticas na condução dos processos gerenciais geridas pelos gestores respondentes em seus negócios. Diante disso, em seu estudo, Braga (2006) afirma que no tocante a avaliação de investimento, quanto mais elevado e aprofundado o rigor nos critérios na elaboração do planejamento com amplitude e análise de diferentes cenários econômicos maiores será a probabilidade de melhoria do investimento aportado nas empresas para eventos futuros.

No entanto, o estudo de Azevedo (2010) aponta um grau elevado de achismo quando o tema diz respeito a utilização de modelos de gestão financeira nas empresas respondentes em sua pesquisa. O estudo aponta que as MPE's por desconhecerem ou não planejarem a necessidade real de capital, ao buscar auxílio nas instituições financeiras o fazem de forma desequilibrada se utilizando de linhas de crédito não muito usual em suas rotinas e encargos mais elevados propiciando em muitos casos a exaustão da capacidade de pagamento do empreendimento e conseqüentemente os indicadores de lucratividade.

O estudo aponta que a ausência de análise e ou análise equivocada nas informações pertinentes que possam indicar que projetos pode ser melhor, ausência de conhecimento de linhas

de créditos ofertadas pelo sistema financeiro e de ausência de conhecimento na execução dos projetos enfraquece as empresas perante o mercado fornecedor e o consumidor.

Entretanto, neste estudo, verificou-se uma dinâmica de respostas concordantes diferente de outros mostrados na literatura. A percepção indicada nesta dimensão frente aos demais indica que o universo da pesquisa poderá influenciar bastante seu resultado, os dados indicam que quanto mais organizado o seguimento mais controlado é os seus sistemas de gestão. Nesta ótica, o estudo proposto elenca um universo de empresas com perfil distinto de outros estudos, mas com a mesma temática onde aproximadamente 80% delas estão no mercado a mais de 04 anos e aproximadamente 60% apresentam faturamento entre R\$ 360 mil e R\$ 15 milhões.

4.7 DIMENSÃO 8: RESULTADO ECONÔMICO E FINANCEIRO

Esta dimensão abordará a rotina e os hábitos aplicados pelos empreendimentos na perspectiva de conhecimento e uso das variáveis margens de contribuição, aproveitar os ganhos de escala e identificar os gargalos financeiros no intuito da maximização dos resultados e solidificação da atividade empresarial.

Os resultados encontrados apontam nível de concordância superior a 50% de afirmação nas respostas, apontando ser um resultado diferente dos apontados, no estudo de Cominetti (2003) onde os dados indicam que a grande maioria das empresas ignorava a função primordial da ferramenta margem de contribuição indicando que a mesma se aplicava tão somente como verificador de lucro. No entanto, no estudo desenvolvido por Tártari (2005) já se nota um avanço da utilização da ferramenta, segundo o autor seu estudo indicou o uso dessa técnica em aproximadamente 80% das empresas pesquisada.

Quando perguntado a respeito da variável que indica a utilização de ganho de escala no desenvolvimento do empreendimento, os dados indicam grau de concordância superior a 60% de afirmação dos respondentes. Quando recorremos a literatura buscando conhecer esta rotina em outros estudos vemos que os indicativos são bastante próximos senão vejamos, em seu estudo Santos, Ferreira e Faria (2009) aponta que os dados apresentam grau de concordância da ordem de 52,4% de respondentes afirmando fazer uso da técnica.

Quando perguntado a respeito da variável que discorre acerca do conhecimento de gargalos financeiros, os dados indicam que mais de 60% dos respondentes afirmam ter conhecimento de suas

fraquezas financeiras indicando e confirmando a dinâmica e semelhança de resultado já apresentados.

No entanto, é possível afirmar que o fato de conhecerem suas dificuldades financeiras não significa necessariamente que controlam e ou solucionam as mesmas, alguns dados indicam que sim outros indicam que não ou ainda empreendimentos melhor geridos solucionam suas dificuldades melhor do que os empreendimentos menos organizados.

4.8 DIMENSÃO 9: DEMONSTRATIVOS, INDICADORES E MÉTODOS

Esta dimensão apresenta um conjunto de variáveis capaz de indicar o nível de conhecimento e aplicação de instrumentos e modelos financeiros nos empreendimentos respondentes, referente aos instrumentos gerenciais e financeiros, aos indicadores econômico-financeiro, rotatividade do ciclo de vendas e análise de investimentos.

Os resultados obtidos no estudo desta dimensão para o quadrante formado pelas variáveis balancete de verificação, balanço patrimonial, demonstrativo de resultado do exercício e demonstrativo de fluxo de caixa, aponta que em seu conjunto o grau de concordância é superior a 60% indicando que as empresas conhecem e que de alguma forma aplicam esse conhecimento na melhoria dos resultados do empreendimento.

Quando averiguado os resultados obtidos no quadrante composto pelas variáveis, índices de atividade, índice de rentabilidade e lucratividade, índice de liquidez, indicadores de endividamento e ciclo operacional, os dados indicam grande semelhança com o quadrante anterior. Novamente os respondentes apresentam grau de concordância superior a 60% com pequena variação na variável indicadores de endividamento que apresentou indicador de 59% de grau de concordância.

Assim, as empresas afirmam conhecer e fazer uso desses indicadores no desenvolvimento e sustentabilidade de seus empreendimentos. Ao analisar os dados, é possível observar uma utilização maior dos indicadores relativos aos índices de atividade, de rentabilidade, de liquidez e de endividamento provavelmente pelas empresas de maior porte ou de maior resultado financeiro, em virtude de primeiro atender a legislação e segundo por aparentemente serem mais organizadas em seus processos e assim tirar proveito das oportunidades do mercado.

Quando a empresa é de menor porte, como é o caso de grande parte das MPE'S, os indicadores econômicos e os instrumentos gerenciais na maioria das vezes são utilizados apenas quando da necessidade de relacionamento com o sistema financeiro. Realidade encontrada no

estudo de Cominetti (2003) que pesquisou as micro e pequenas empresas no início da década tendo as empresas indicado desconhecimento e utilização destas ferramentas gerenciais.

O comportamento apresentado pelos respondentes acerca das variáveis correspondentes aos indicadores econômicos em seu ciclo operacional, financeiro e do ponto de equilíbrio. Diferentemente de Rodrigues (2013) que identificou em seu trabalho resultados elevados de inutilização desses indicadores, o que tem sido uma praxe do universo amostral de sua pesquisa, neste estudo ora apresentado, os resultados apontam para um grau de concordância dos respondentes superior a 60% para as duas variáveis primeiras ficando a variável ponto de equilíbrio com 55% de respondentes concordantes no conhecimento e utilização desse indicador no desenvolvimento de seus negócios.

Poderemos auferir ao observar os resultados de Cominetti (2003), Silva (2010) e Azevedo (2010) é possível afirmar a existência de similaridade dos resultados entre a pesquisa deles e a de Rodrigues (2013) confirmando provavelmente uma aproximação forte do universo amostral que trata das dificuldades enfrentadas pelas MPE's de forma mais abrangente. Quando o tema é tratado de forma específica como no estudo de Tártari (2005) e este ora apresentado observa-se que os resultados segmentados e provavelmente o porte das empresas estudadas contribuem para que o resultado diferencie em conhecimento e aplicabilidade na atuação dos negócios ora pesquisado.

O comportamento das empresas respondentes relativo as variáveis que discorre acerca dos indicadores relativos a tempo de retorno de investimento, valor presente e remuneração de capital investido e índice de lucratividade. Assim as variáveis pay back e índice de lucratividade apresentam resultados superiores a 60% quanto ao grau de concordância dos respondentes enquanto, que as variáveis valor presente e taxa interna de retorno apresentam indicadores de concordância superior a 55% indicando que as empresas utilizam e conhecem esses indicadores no processo de gestão de seus empreendimentos.

Diferentemente dos resultados encontrados nos estudos de Azevedo (2010) e Rodrigues (2013) onde seus respondentes indicam não fazer uso dessa ferramenta de gestão, o estudo realizado por Bieger (2000) aponta que o indicador de taxa interna de retorno como a variável mais citada enquanto que em seu estudo Valente (2008) aponta para o indicador de tempo de retorno do investimento como o mais citado pelos respondentes. Diante do exposto, é possível afirmar que a tendência de equilíbrio apresentado pelos indicadores de médias desta dimensão aponta a rotina de normalidade em seu uso pelas empresas respondentes.

4.9 DIMENSÃO 10: RELEVÂNCIA DAS INFORMAÇÕES CONTÁBEIS E FINANCEIRAS

O resultado aponta para elevado grau de concordância entre os respondentes com indicadores variando de 68% variáveis relatórios gerenciais a 80% variável informação financeiras para tomar decisões, ou seja, as empresas participantes desta pesquisa afirmam de forma clara conhecer e utilizar essas informações no processo de gestão de seus negócios. Além disso quando perguntado se a empresa se utiliza das informações financeiras na formulação de estratégias em seus negócios, 70% indicam concordar. Quando perguntado acerca da utilização de relatórios contábeis e financeiros no processo de tomada de decisão os dados indicam que 80% dos respondentes afirmam fazer uso deste procedimento na rotina de gestão dos negócios.

Diferentemente de outros estudos acerca de temas envolvendo MPE's, é possível afirmar que a depender do grupo estudado os resultados destoam totalmente assim à literatura aponta que no estudo de Souza (2004) que verificou a utilização de instrumentos contábeis no processo de gestão das empresas, constatando que com variação de 87% a 100% que os mesmos se utilizavam desses informativos em sua gestão o autor ainda afirma que, o mesmo se constata na pesquisa de Lucena (2004) que mesmo sabendo da dificuldade no processo de gestão e de controle essa deficiência é apontado por 52,38% das empresas pesquisadas.

Outro estudo a confirmar as deficiências enfrentadas pelo seguimento micro empresarial devido a não utilização de informativo gerencial em seus processos de gestão é o de Rodrigues (2013) que aponta alto grau de negligência na utilização de relatórios gerenciais elaborados pelo setor de contabilidade. No entanto, o estudo ora realizado apresenta resultados totalmente diferentes desses citados na literatura já que de modo geral tem afirmado o conhecimento e utilização dos instrumentos gerencial no processo de gestão dos empreendimentos pesquisados.

4.10 DIMENSÃO 11: PROBLEMAS GERENCIAS E FINANCEIROS

Por fim, coroando o entendimento comportamental desenvolvido pelas empresas respondentes relacionados a seu processo de gestão este estudo abordará as principais questões de enfrentamento pelas MPE's no tocante aos aspectos gerencial e financeiro.

Na pesquisa desenvolvida por Russo (2002), os indicativos apontam dentre as variáveis levantadas relativo as dificuldades enfrentadas pelas MPE's na área gestão financeira, a obtenção de capital de giro como a menos citada. Direcionamento confirmado na pesquisa do SEBRAE (2007) que aponta esta variável como o quinto maior indicador do índice de mortalidade das empresas no âmbito nacional, com 14% de ocorrências.

Entretanto, para a pesquisa realizada pelo SEBRAE (2007) a elevação da carga tributária aparece como sendo o último atributo a levar as MPE's ao encerramento da atividade empresarial. Fato este também identificado no estudo de Paula (2009) onde os dados apontam que a elevada carga tributária aparece na oitava colocação dentre os fatores causadores de mortalidade das MPE's.

Quando questionado a respeito de ausência de capital de giro, a variável apresenta um resultado significativamente equilibrado, os dados apontam que 31% dos respondentes afirmam conviver com capital de giro deficitário 30% optaram pela zona de neutralidade e 39% apontaram não enfrentar problemas de falta de capital de giro. Enquanto o estudo realizado pelo SEBRAE (2007) aponta a ausência de capital de giro como um dos problemas causadores de mortalidade das MPE's o que representa um grande gargalo a estes empreendimentos principalmente os de menor porte além de dificuldades oriundas do mercado como um todo.

Neste sentido, a pesquisa de Paula (2009) aponta que embora a conjuntura econômica seja o segundo fator menos citado em seu estudo na pesquisa elaborada pelo SEBRAE (2007) os dados indicam que 62,5% dos respondentes indicam enfrentar dificuldades e que 14% dos empreendimentos tem sua atividade empresarial encerrada em virtude da desaceleração da economia.

No tocante, ao acirramento da concorrência os dados do estudo apontam que 72% dos respondentes afirmam enfrentar problemas oriundos de concorrência, entretanto a competitividade também fornece grande oportunidade que quando aproveitadas corretamente amplia os resultados de empreendimento.

Quando questionado a respeito das dificuldades sofridas na gestão de seus empreendimentos oriunda da variável falta de organização, os dados indicaram que 35 % concordaram enquanto, que na variável ausência de conhecimentos técnico na condução da atividade este indicador de concordância foi de 40% retratando assim provavelmente uma fotografia atualizada do dia a dia das MPE's pesquisada neste estudo.

Nesse contexto o estudo desenvolvido pelo SEBRAE (2007) que elencou 13 fatores causadores de mortalidade das MPE's aponta que a variável falta de conhecimentos gerenciais responde por 7% do encerramento das atividades empresarial, aparecendo em nono lugar dentre os 13 fatores. Já a pesquisa desenvolvida por Paula (2009) que também apresenta 13 fatores responsáveis pelo encerramento das atividades empresariais aponta que a ausência de qualificação gestor na quarta colocação dentre as 13 variáveis causadoras de mortalidade das MPE's.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, buscou-se avaliar as práticas e os fatores críticos da gestão financeira nas empresas do setor supermercadista no Estado do Rio Grande do Norte. Os dados apontam que grande parte das empresas pesquisadas atua no mercado já há mais de dez anos, no entanto, um pequeno grupo de empresas aparece com só um ano de atuação. São empresas possivelmente estruturados uma vez que 47,1% mantêm de 0 a 49 colaboradores, enquanto, que 24,5% geram de 0 a 9 colaboradores. Os dados apontam que 63,5% dos empreendimentos apresentam faturamento médio de até 3,6 milhões/ano, sendo que destes 34,3% apresentam faturamento média anual de até R\$360 mil.

A gestão financeira do empreendimento é convergente com outros estudos apresentados já que confirma a condução do processo pelo dirigente-proprietário, no entanto, um dado relevante a ser destacado é que na maioria, os dados obtidos no estudo 56% dos gestores são capacitados, enquanto que 41% ainda não detém a capacitação necessária para a gestão do negócio, indicador bem menor do que os apresentados em outros estudos.

No tocante, a relevância dos resultados, os dados apontam que neste seguimento de forma geral as empresas controlam e conhecem a rotina organizacional do empreendimento. Quanto ao capital de giro, o indicador é ainda mais relevante, a maioria absoluta conhece as contas a pagar e o contas a receber. No entanto, um grupo menor, indica menor intensidade na aplicação dos fundamentos de avaliação dos prazos médios de pagamento e de recebimento não refletindo problemas na condução dos negócios.

Quanto à apreciação do crédito, o seguimento apresenta soberania de conhecimento do poder de pagamento e de relacionamento com o mercado financeiro, e em menor intensidade o tratamento relativo as ferramentas cadastrais de clientes, possivelmente explicado através do próprio ato de concessão do crédito, atualmente se dando via cartões de crédito de bandeira nacional e ou de emissão própria, não tendo sido visualizado neste estudo, outros meios de credito ao consumidor.

Outro aspecto relevante apontado neste seguimento pelo estudo é o fato das empresas indicam ter conhecimento absoluto do custo dos produtos sejam diretos ou indiretos ou os dois juntos. No entanto, mesmo com o profundo conhecimento um grupo razoável indica ter a formatação dos preços baseados na concorrência e no mark-up o que poderá elevar os riscos do empreendimento, já que possivelmente não seja a ferramenta mais adequada a este propósito.

Os resultados indicam ainda que o seguimento pesquisado apresenta bastante desenvoltura no conhecimento e no tratamento dispensado aos indicadores contábeis, econômicos e financeiros. Também apontam para uma utilização dinâmica de relatórios e indicadores gerenciais que de forma geral propicia a formulação de estratégias e a tomada de decisões com maior segurança.

Embora seja uma dinâmica cotidiana na maioria das MPE's apresentar problemas de restrição de crédito, ausência de capital de giro, ausência de organização e de conhecimentos técnicos, neste estudo, os dados apontam para algumas dessas evidências, embora, em menor proporção. Assim, segundo os resultados, as empresas pesquisadas afirmam ser a tributação e a concorrência seus maiores desafios na condução dos negócios.

A pesquisa ao contemplar objetivo geral evidenciou de forma abrangente o cotidiano enfrentado pelas MPE's no seguimento de supermercados no estado do Rio Grande do Norte, fornecendo informações relevantes, algumas de conhecimento geral, outras, no entanto restritas a negócios de maior organização, contribuindo de maneira objetiva para o fortalecimento da literatura e do processo da gestão financeira dos pequenos grandes negócios bem como de seus gestores na busca constante de melhores resultados financeiros, econômicos e organizacionais.

REFERÊNCIAS

ABRAS – **Associação Brasileira de Supermercados**. As 500 do ranking mostram a face do setor, 2011. Disponível em: <<http://www.abrasnet.com.br/economia-e-pesquisa/ranking-abras/as-500-maiores/>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

AZEVEDO, José Gilmar. As práticas de gestão financeira em micro e pequenas empresas: um estudo descritivo em indústrias de castanha de caju do estado do Rio Grande do Norte. **Dissertação** (Mestrado em Administração) – Universidade Potiguar, Natal, 2010.

BACEN. **Banco Central do Brasil**. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/> Acesso em 15 de janeiro de 2017.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. Ed. UFSC, 6ed. 2006

BIEGER, Marlene. Decisão de Investimentos: Critérios de Avaliação e a Consideração de Aspectos Estratégicos nas Empresas Industriais de Médio e Grande Porte da Região Noroeste-RS. **Dissertação** (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Porto Alegre, 2000.

BRAGA, Robson. Análise de decisões de investimento em condições de risco: um estudo na Veracel Celulose S/A. **Dissertação** (mestrado profissional) – Universidade Federal da Bahia. Escola de Administração, Salvador, 2006.

BRIGHAM, Eugene F.; HOUSTON, Joel F. **Fundamentos da moderna administração financeira**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

BRIGHAM, Eugene F.; EHRHARDT, Michael C. **Administração Financeira: teoria e prática**. 10. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

CAMPOS, Luís; CANAVEZES, Sara. **Introdução à Globalização**. Repositório Universidade de Évora, Editora Instituto Bento de Jesus Caraça, abr. 2007. Disponível em: <<http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2468/1/Introdu%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20Globaliza%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2017.

COMINETTI, Ivan Rogerio. Proposta de modelo integrado de gestão financeira para empresas de pequeno porte. **Dissertação** (Mestrado em Engenharia de Produção). Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

DI AGUSTINI, Carlos Alberto. **Capital de Giro: análise das alternativas fontes de financiamento**. São Paulo: Atlas, 1999.

EIDT, Jorge. Gestão de custos em indústrias do setor moveleiro estabelecidas no Oeste de Santa Catarina: um estudo multicase. 2006. 233f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2006.

ERCOLIN, Carlos Alberto. Fatores financeiros determinantes da mortalidade de micro e pequenas empresas. **Dissertação** (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FIGUEIREDO, Sandra; CAGGIANO, Paulo César. **Controladoria: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

FLEURIET, M; KEHDY, R.; BLANC, G. **O modelo Fleuriet: a dinâmica financeira das empresas brasileiras**. 3. ed. Rio de Janeiro: Campos. 2003.

FONSECA, Oswaldo Luiz Humbert. Análise de crédito utilizando inteligência artificial: validação com dados do cartão BNDES. **Tese** (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto Politécnico, Rio de Janeiro, 2008.

GARRISON, Ray H; NOREEN, Eric W. **Contabilidade gerencial**. (Trad.) José Luiz Paravato. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2001. 643p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed São Paulo: Atlas, 2002.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de Administração Financeira**. 7. ed., São Paulo: Harbra, 2002.

HANSEN, Don R.; MOWEN, Maryanne M. **Gestão de custos: contabilidade e controle**. (Trad.) Robert Brian Taylor. São Paulo: Pioneira, 2001. 783p.

HENDRIKSEN, Eldon S. BREDÁ, Michael F. V. **Accounting Theory**. 5. ed. Boston: Irwin, 1992.



HOJI, M. **Administração financeira**: uma abordagem prática: matemática financeira aplicada, estratégias financeiras, análise, planejamento e controle financeiro. São Paulo: Atlas, 2003.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Documento**: Estatísticas do Cadastro Central de Empresas. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

IUDÍCIBUS, Sérgio; MARTINS, Eliseu; GELBCKE, Ernesto Rubens. **Manual de Contabilidade das Sociedades por Ações**. São Paulo: Atlas, 2003.

KASSAI, S. As empresas de pequeno porte e a contabilidade. **Caderno de Estudos**, São Paulo, FIECAFI, v.9, n.15, p. 60-74, jan. /Jun.1997.

KROETZ, Cesar Eduardo Stevens. **Balanco social**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.

KRUGLIANSKAS, I. **Tornando a pequena e média empresa competitiva**. São Paulo: Instituto de Estudos Gerenciais e Editora, 1996.

LIMA, Amadeu Nascimento; IMONIANA, Joshua O. Um estudo sobre a importância do uso das ferramentas de controle gerencial nas micro, pequenas e médias empresas industriais no município de São Caetano do Sul. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, Campo Limpo Paulista, São Paulo, v.2, n.3, p. 28-48, 2008.

LONGENECKER, Justin G; MOORE, Carlos W; PETTY, J. William. **Administração de Pequenas Empresas**. São Paulo: Makron Books, 1997.

LUCENA, Wenner Gláucio Lopes. Uma contribuição ao estudo das informações contábeis geradas pelas micro e pequenas empresas localizadas na cidade de Toritama no Agreste Pernambucano. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa Multiinstitucional e Inter-Regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis – UnB, UFPB, UFPE e UFRN, João Pessoa, 2004.

MAIA, V. I.; PEREIRA, E. M.; SILVA, F. H.; COELHO, J. D.; DIAS, L. A. C. Gestão financeira de micro e pequenas empresas: o setor varejista na região de Pará de Minas. **SynThesis Revista Digital FAPAM**, Pará de Minas, n. 1, 2009.

MARQUES, L. F. B. Gerenciamento do Risco de Crédito: Cálculo do Risco de Crédito para a Carteira de um Banco de Varejo. **Dissertação** (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MATIAS, A.B (coordenador). **Finanças corporativas de curto prazo**: a gestão do valor do capital de giro. São Paulo: Atlas, 2007.

MAXIMIANO, Antônio Cezar Amaru. **Administração para empreendedores**: fundamentos da criação e da gestão de novos negócios. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

NAKAGAWA, Masayuki. **Custeio baseado em atividades**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

PAULA, Cássio de Sousa. Gestão financeira: análise dos problemas enfrentados por micro e pequenas empresas do comércio varejista de Belo Horizonte. **Dissertação** (Mestrado em



Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PEREZ JÚNIOR, José Hernandes; et. al. **Controladoria estratégica**. São Paulo: Atlas, 2002.

RODRIGUES, João Paulo Lima. Gestão financeira em micro e pequenas empresas: um estudo no setor supermercadista de Mossoró/RN. **Dissertação** (Mestrado em Administração) – Universidade Potiguar, Natal/RN, 2013.

SANTOS, Edno Oliveira dos. **Administração financeira de pequena e média empresa**. São Paulo: Atlas, 2001.

SCHRICKEL, Wolfgang Kurt. Análise de crédito: concessão e gerencia de empréstimos. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2000.

SEBRAE. **Fatores condicionantes e taxas de sobrevivência e mortalidade das micro e pequenas empresas no Brasil 2003-2005**. 2007. Disponível em:
<[http://www.biblioteca.SEBRAE.com.br/bds/BDS.nsf/8F5BDE79736CB99483257447006CBA3/\\$File/NT00037936.pdf](http://www.biblioteca.SEBRAE.com.br/bds/BDS.nsf/8F5BDE79736CB99483257447006CBA3/$File/NT00037936.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2017.

_____. **Critérios e conceitos para a classificação de empresas**. 2010. Disponível em:
<http://www.sebrae.com.br/customizado/estudos-e-pesquisas/integra_bia?ident_unico=97>. Acesso em: 15 abr. 2017.

SOUZA, Domingos Carvalho de. A utilização da informação contábil na atividade pecuária do Estado do Rio Grande do Norte: Um enfoque nos demonstrativos gerados para tomada de decisão. 2004. 140 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Contábeis) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

SILVA, Ângelo Alves da. Gestão financeira: um estudo acerca da contribuição da contabilidade na gestão do capital de giro das médias e grandes indústrias de confecções do Estado do Paraná. **Dissertação** (Mestrado em Controladoria e Contabilidade) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SILVA, Manuel Soares da. Utilidade da informação contábil para tomada de decisões: um estudo sobre a percepção dos gestores de micro e pequenas empresas da Grande João Pessoa. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Contábeis) – UFPB-UnB-UFRN, João Pessoa, 2010.

VALENTE, Débora Nogueira Ramalho. Decisões de investimentos em condições de incerteza: uma abordagem com opções reais equivalentes. **Dissertação** (Mestrado-Programa de Pós-Graduação e Área de Concentração em Engenharia de Produção) – Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

VIEIRA, Marcos V. **Administração Estratégica do Capital de Giro**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2005.